

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

A IRA DO PLANO DE ENSINO

Susana Célia Leandro Scramim¹

Resumo: “Blood is money” foi o primeiro curso da pós-graduação de Teoria Literária e Literatura Comparada que Antonio Candido desempenhou no âmbito da disciplina “Política e Literatura”, ministrado no prédio Maria Antonia, ocupado pelos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1968. O plano de ensino do curso organiza com os alunos a leitura de uma das peças de Shakespeare, trata-se de *Rei Ricardo II*. A proposta deste artigo tenta compreender o modo pelo qual Antonio Candido organiza a sua leitura da barbárie gerada pelos golpes ao poder de mando em uma sociedade arcaica, mediante a leitura de uma obra de arte dramático-literária cujo eixo orientador é a pergunta pela legitimidade do poder. A ira é a grande alegoria dessa ação, pois prevê a aplicação da violência com fins justificados. A questão da presente análise é associar a alegoria da ira ao processo de construção da leitura da obra literária em situações de ensino. O documento referente ao planejamento das aulas de Antonio Candido faz parte do seu Acervo Textual depositado no IEB/USP.

Palavras-chave: Docência; Planos de aula; Antonio Candido; Teoria Literária.

THE WRATH OF THE TEACHING PLAN

Abstract: “Blood is Money” was the first course in the postgraduate program on Literary Theory and Comparative Literature that Antonio Candido taught as part of the “Politics and Literature” discipline, taught in the Maria Antonia building, occupied by students from the School of Philosophy, Sciences and Letters, in 1968. The course’s teaching plan organizes the reading of one of Shakespeare’s plays, King Richard II, with the students.

¹ Possui graduação em Letras Português pela Universidade Estadual de Maringá (1986), mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (1991), doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000) e dois pós-doutorados, um na Universidad de Sevilla, España (2005), bem como no Programa de Teoria e História Literária da UNICAMP (2014) e no Programa de Pós-graduação em Letras da UFF (2019). É professora Titular aposentada de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina. Os projetos de pesquisa com os quais está envolvida concentram-se no estudo da poesia brasileira moderna e contemporânea e na teoria da modernidade. E-mail: sscramim@uol.com.br.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

The purpose of this article is to understand how Antonio Candido organizes his reading of the barbarity generated by the blows to the power of command in an archaic society, through the reading of a dramatic-literary work of art whose guiding axis is the question of the legitimacy of power. Anger is the great allegory of this action, as it foresees the application of violence for justified purposes. The aim of this analysis is to associate the allegory of anger with the process of constructing the reading of the literary work in teaching situations. The document referring to Antonio Candido's lesson planning is part of his Textual Collection deposited at IEB/USP.

Keywords: Teaching; Lesson plans; Antonio Candido; Literary Theory.

Como ler? Trata-se de um ato de impossível definição.

E ainda mais complexo é tentar uma aproximação com os modos de ler em situações de ensino, envolvendo fundamentalmente a presença de alunos que têm como meta a alcançar o “aprender” a ler.

Como ler uma obra literária? Quando tratamos de obras nas quais se debate um modelo de sociedade e a consequente legitimação do poder nela instituído no confronto com um padrão construído consoante uma cosmovisão arcaica, sendo a literatura sempre opaca, o processo dobra-se sobre si mesmo. Ainda que o professor não queira ou se coloque em uma posição de não incluir a prática do espelho, do dobrar-se sobre si mesmo, como veremos mais adiante no caso do curso que me propus a analisar, é quase impossível escapar das contingências que envolvem o planejamento didático de uma leitura.

Minha proposta é a de analisar práticas de leitura em sala de aula. O trabalho em sala de aula a ser considerado é o curso “Blood is Money”, de Antonio Candido. A obra escolhida pelo professor para essas práticas é a peça *Ricardo II*, de Shakespeare, e inclui um debate sobre a legitimação do poder, implicando força de ordenamento que, se não for eficaz, estará suscetível à ação de outros agentes que igualmente poderão recriar outras linhagens de legitimidade. O professor, desse modo, se colocava na posição de falar de golpes, isto é, de tentativas de tomadas de poder pela força no âmbito de discussão de uma obra literária. A ira é a grande alegoria dessa ação, pois prevê a aplicação da violência com fins justificados nos processos de legitimação do poder.

Para iniciar a análise, deve-se lembrar que, no conjunto dessas práticas de leitura em sala de aula, também é exercício de ordenamento social, com a consequente legitimação de linhagens, o estabelecimento de um modo de ler.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Os modos de ler legitimam linhagens. O curso “Blood is Money” localiza-se no âmbito da disciplina “Política e Literatura”, oferecido por Antonio Candido, em 1968, na pós-graduação de Teoria Literária e Literatura Comparada na USP. Antes de analisar as passagens que envolvem o começar e o terminar uma aula de leitura e análise literária em um semestre letivo completo, irei construir uma alegoria paralela à tradição ocidental para bordejar uma questão bastante presente nas práticas didáticas que é a eficiência ou não da domesticação de tudo aquilo que se encontra fora do parâmetro das normas do projeto educacional.

O interesse nesse momento é pensar sobre a ira. Contudo, gostaria de abordá-la a partir de um ponto de vista não ocidental. Em nossas sociedades, brancas e patriarcais, a ira é compreendida dentro de uma esfera disciplinar, ou seja, trata-se de uma força exercida pelo chefe ou por alguém mais forte que deseja ordenar o anárquico, ou ainda, de civilizar aquilo que está fora do parâmetro do ideal comunitário. Como abordarei a questão em detalhes mais adiante neste texto, antecipo que Silviano Santiago pensa a ira como força que coloca em operação o processo civilizatório ou a colonização ou a “domesticação” (SANTIAGO, 2017, p. 46-47). Entretanto, é preciso nomear essa afecção fora do comunitário, e pensar também no âmbito da selvageria. E é no âmbito da “selvageria” que eu gostaria de tratar essa afecção. De acordo com as abordagens que dela se faz na cultura ocidental, a “ira selvagem” é também relativa ao desejo de estar possuído por um dom fora da esfera do humano, contudo, sem uma finalidade racionalizada da domesticação. Assim sendo, parto de um relato etnográfico, relativo a povos que estão fora da intencionalidade ocidental, colocando em xeque a noção própria do literário. Começo com a descrição de um apontamento etnográfico de Darcy Ribeiro, feito a partir de um relato de pesquisa entre os índios Urubus que viviam, em 1951 (quando ele ouviu o relato de Katãï, viúva de Uirá, seu filho, Ihú Irapik e sua filha Numiá), às margens dos rios Gurupi, Turiaçu e o Pindaré, na orla da floresta amazônica que avança pelo território maranhense. Trata-se da história das desventuras de Uirá, um índio urubu que saiu à procura de Deus e, em 1939, após viver experiências trágicas, se matou na vila de São Pedro, no Maranhão, lançando-se no rio Pindaré. O que fez Uirá partir em busca de Deus foi uma grave crise emocional – seu filho adolescente foi morto em meio a uma epidemia de gripe que assolou a aldeia – e isso o fez ser tomado por uma afecção nomeada pela comunidade de Iñaron. A expressão tupi Iñaron foi traduzida como raiva, cólera, indicando

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

para os índios Urubus um estado psicológico de extrema irritabilidade, que exigiria o mais total isolamento para que essa afecção fosse curada. Os demais membros da tribo deixavam as acomodações da aldeia à disposição do homem Inãron para que ele fizesse com aqueles apetrechos o que desejasse. Assim que o ataque de ira passasse, os parentes voltavam como se nada tivesse acontecido, reconstruindo o que havia porventura sido destruído, e a vida seguia.

Darcy Ribeiro relata em seu artigo que, com a morte do filho, Uirá declarou-se Inãron, fazendo tudo o que se esperava que alguém em sua condição fizesse, contudo, logo se observou que não se tratava de um simples caso de Inãron, pois, quando voltava ao convívio da comunidade, Uirá caía em um estado cada vez mais profundo de prostração, tristeza e desengano. Decidiu ele então experimentar outro caminho igualmente previsto pelas “tradições” tribais nos casos de grandes crises morais: “transformar as tensões emocionais em furor guerreiro e sair pelas aldeias aliciando outros desenganados para uma sortida contra os índios Guajá.” (Ribeiro: 1980, p. 19) Convenhamos, tal prática tribal dos índios Urubus se assemelha em teoria à prática do bando jagunços inseridos na condição do mundo arcaico no interior do Brasil: uma crise moral desencadeia uma pilhagem ou guerra. Ressalto que tal conclusão não fez parte das reflexões de Darcy Ribeiro e sim, uma constatação minha a partir de uma análise que Silviano Santiago² fez do *Grande Sertão: Veredas*, na qual, a partir do ensaio de Antonio Candido, “O sertão e o mundo”, se atribui à qualidade de ser feroz a produção de uma afecção que não se confunde com a disciplina motivadora da “irascibilidade”, que é para Santiago a “força disciplinar exercida pelo chefe que deseja ordenar o anárquico, pôr ordem na *wilderness*” (Santiago, 2017, p. 45). Por sua vez, Antonio Candido, em ensaio de 1957 sobre o romance de Guimarães Rosa, irá se referir a algo que não se adequa a essa lógica e, portanto, estaria fora do projeto de domesticação, trata-se de um gosto pela vitória contra o mal através do mal que pertence à esfera da “ferocidade”.

² O ensaio a que me refiro é o *Genealogia da ferocidade. Ensaio sobre o Grande Sertão-veredas, de Guimarães Rosa*. Escrito em 2017, como apresentação da obra de Guimarães Rosa, uma tradução do *Grande Sertão-veredas* para a coleção Biblioteca Ayacucho. Publicação com singularidades que levam a obra proposta à conformação de um modo de ler, ou ainda, de ensinar a ler ao público de fala castelhana um texto bastante complexo e portador de uma potência de reflexões e debates que têm relação com as questões mais caras ao trabalho intelectual de Silviano Santiago, mas que não deixa de ser também um gesto que se dobra sobre si mesmo, pois é quase impossível escapar das contingências que envolvem o planejamento didático de uma leitura, e isso acaba entrando no âmbito da irascibilidade.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

(CANDIDO, 2002, p. 133). Para Santiago, a ferocidade é a afecção que produz o lugar do “fora” do ordenamento de mando da irascibilidade, que, segundo ele e Candido, é disciplinar e tem fala autoritária. A irascibilidade para Santiago está situada no romance de Guimarães Rosa como produto da vontade de líderes em banir a qualidade selvagem, desqualificando-a, ao quitar-lhes a beleza das afecções originárias, por meio da utilização de armas brancas e de fogo para impor sua vontade.

Voltemos a 1968, voltemos à disciplina “Política e Literatura”, na qual o curso “Blood is money” foi desenvolvido por Antonio Candido. Trata-se do primeiro curso dele na pós-graduação de Teoria Literária e Literatura Comparada, que teve lugar no prédio Maria Antonia, ocupado que estava naquele segundo semestre de 1968 pelos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Suponho que tenha sido um curso que não terminou no mesmo semestre em que começou, porque o prédio da faculdade foi invadido pelo aparelho repressor da ditadura cívico-militar brasileira nos dias 02 e 03 de outubro, desencadeando uma verdadeira guerra, pois o prédio foi inclusive bombardeado, pegou fogo, um estudante morreu baleado e houve dezenas de feridos durante a desocupação. As pastas do arquivo da docência de Antonio Candido fazem a indicação do ano do curso 1968-1969 e, como no hemisfério sul não temos o hábito de fazer divisão de semestres letivos em anos distintos, imagino que, em função da destruição parcial do prédio onde funcionava a faculdade, Antonio Candido tenha terminado o período letivo do seu curso de 1968 apenas no ano seguinte.

criação e crítica

40

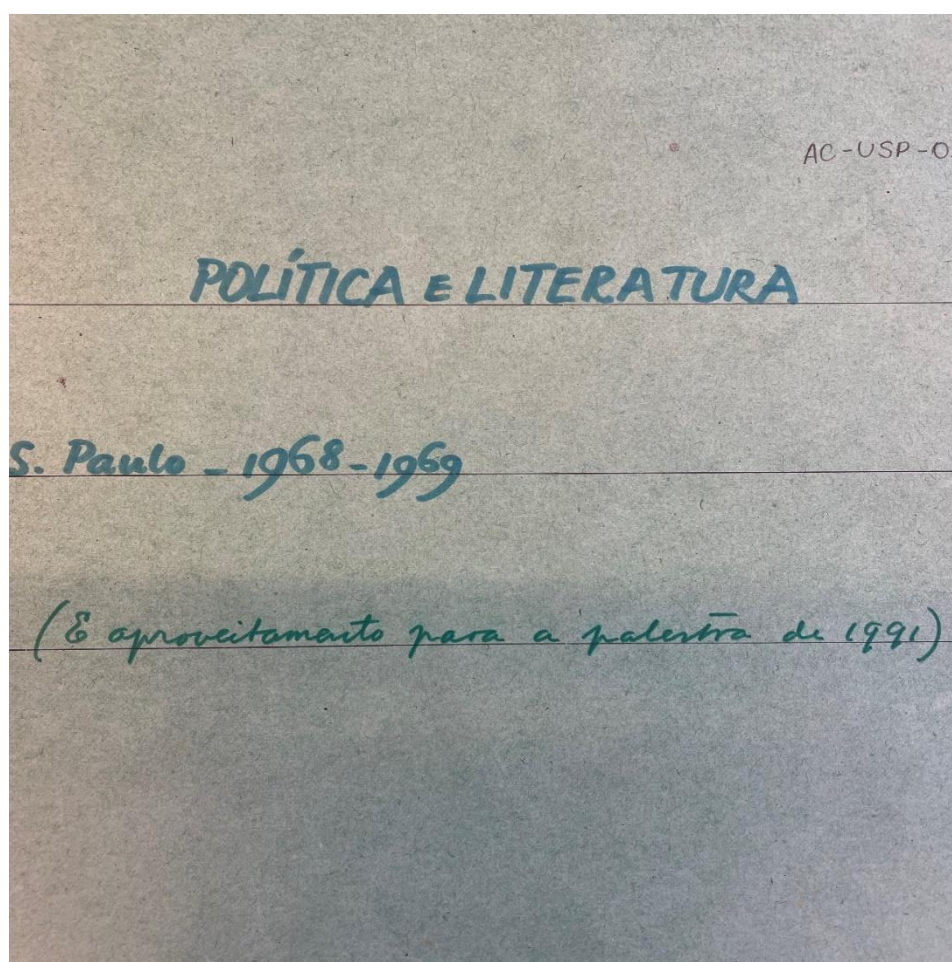


Figura 1: Capa da pasta com planejamento das aulas do curso. Faz referência à passagem do ano letivo 1968-1969 e ao reaproveitamento do material para uma palestra em 1991.

Durante a consulta ao acervo de Antonio Candido no IEB/USP, observei a sequência com a qual as pastas foram organizadas a partir das palavras-chave: disciplina Teoria Literária e Literatura Comparada, política e literatura, Shakespeare, Ricardo II. Numa primeira série de pastas, a numeração vai do 001 ao 012 e, numa série seguinte, vai do número 059 ao 077. Há um outro conjunto de pastas referentes às palestras proferidas por Antonio Candido. Na de número de 022 consta uma palestra na sua íntegra, cujo título é “A Culpa dos Reis: Mandar e Transgredir no Ricardo II de Shakespeare”, informando que ela foi proferida no Congresso Internacional dos Lusitanistas, organizado pela UFRJ.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Segundo as referências, a palestra foi um relato de experiência sobre a presença da cultura portuguesa na Europa.

As pastas com numeração do 001 a 013 têm novamente a indicação da mesma palestra, proferida em 1991, constando nelas uma nova informação que esse texto tinha reaproveitado material do curso “Política e Literatura”, ministrado entre 1968 e 1969, em São Paulo, conforme demonstrado na imagem de número 1.

As pastas do 059 ao 077 têm a indicação de que se trata do primeiro curso de pós-graduação da Teoria Literária e Literatura Comparada. Interessante observar que os termos “Blood is Money” estão preenchidos com tinta vermelha e a tradução para o português desses mesmos termos está escrita com tinta azul.

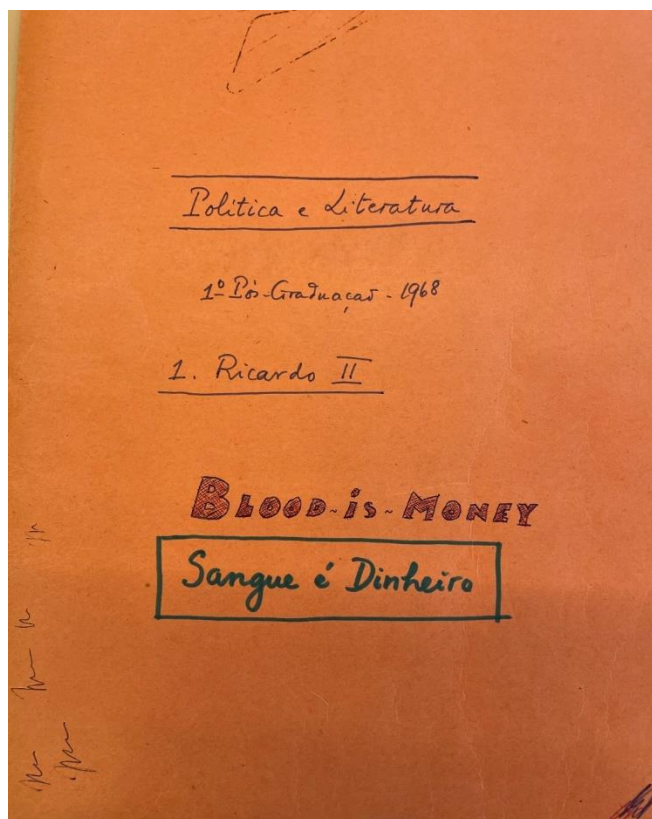


Figura 2: Capa da pasta com informação do curso “Blood is Money”, indicando que se trata de primeiro curso do Pós-graduação em 1968, disciplina Política e Literatura.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Na pasta 060, há uma anotação com a informação que o prédio do Maria Antonia estava ocupado por alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras durante a realização da disciplina no ano de 1968.

Curso muito irregular e tumultuado no prédio da Maria Antonia ocupado pelos estudantes e sede da Comissão Paritária Geral (de que eu fazia parte). Tudo acabou com o conflito entre os jovens da FF e os do Mackenzie, com invasão pela polícia e nossa retirada para a Cidade Universitária.

Figura 4: Anotação de Antonio Candido com a informação que o Prédio Maria Antônia estava sob ocupação no decorrer da disciplina.

criação e crítica

40

Devido à intensa presença no arquivo de material escrito que se refere a esse curso de Antonio Candido, deduzo o quanto esse debate foi importante na carreira do professor Candido. Há uma anotação em umas das folhas de planejamento de aula com a informação que houve a iniciativa de oferecimento de um minicurso no Teatro Arena nesse mesmo semestre do curso na USP.

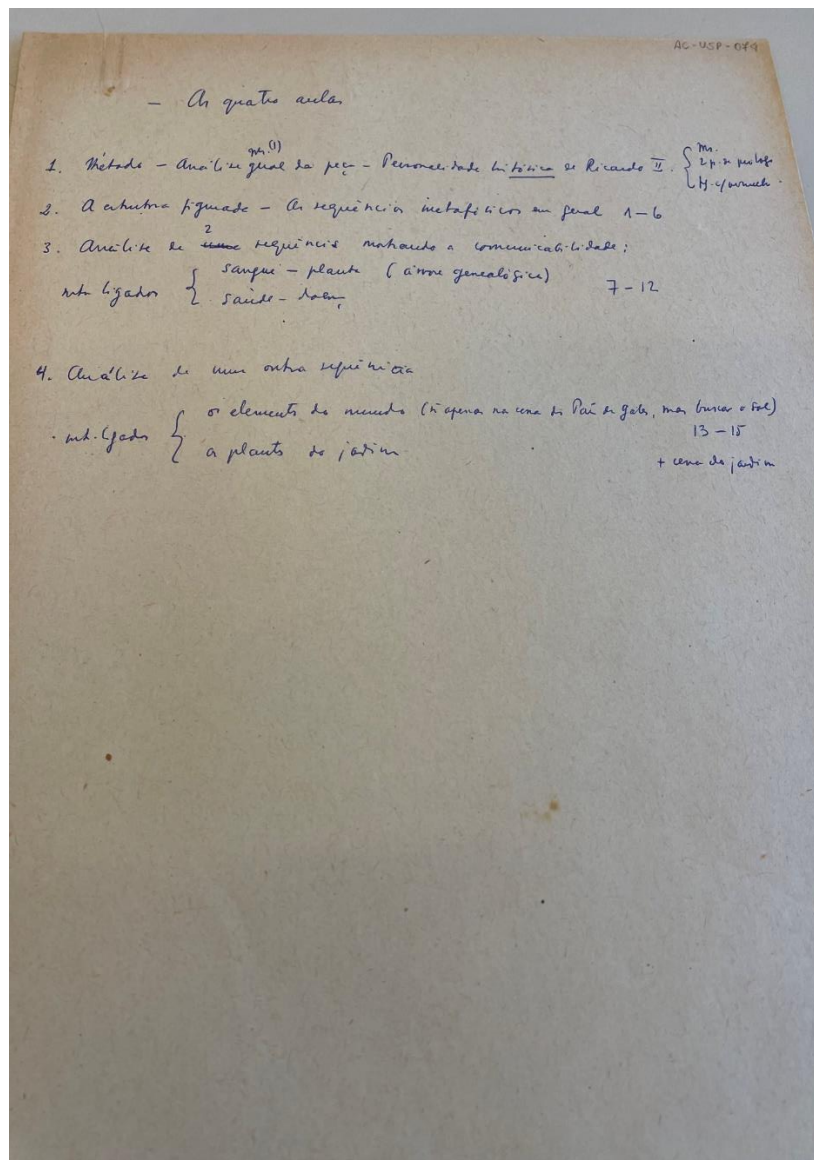


Figura 5: As quatro aulas de Antonio Candido preparadas para o Teatro Arena.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

A proposta para um seminário para a Companhia de Teatro de Arena se consistiu em uma seleção de duas sequências da peça de Shakespeare nas quais a metáfora da vida biológica do mundo vegetal foi utilizada para análise geral da obra. Essa análise das duas sequências se contextualiza no método geral da leitura da peça no minicurso: a consideração sobre a personalidade “histórica” de Ricardo II. Há, na leitura de *Candido*, a alegoria entre poder e declínio da vida natural com o poder instituído na sociedade. O debate ético-político a ser desencadeado pela leitura de *Candido* encontra ressonância na formação de atores e diretores desenvolvida pela proposta de politização da produção do teatro brasileiro, operada durante existência do grupo do Teatro de Arena.

Voltemos à análise do curso “Ricardo II: Blood is money”, oferecido na Pós-graduação da Universidade de São Paulo entre 1968-1969.

Quando se dá a preparação do andamento das atividades da disciplina, em suas primeiras anotações, *Candido* já assinalava que as instalações da Faculdade de Filosofia e Letras da USP, localizada na rua Maria Antonia, estavam ocupadas pelos seus alunos, conforme se observa na figura 4. A reivindicação principal dessa ocupação estudantil era a de uma reforma no sistema de ensino e na administração universitárias. Há também, nessas primeiras anotações, a referência à Faculdade Mackenzie que, na época do curso, era vizinha da Faculdade de Filosofia e Letras da USP. Naquele momento, havia uma grande animosidade entre os estudantes dessas duas instituições por causa do apoio da instituição Mackenzie ao golpe militar de 1964. A rua Maria Antonia foi o palco efetivo da luta concreta entre partidários a favor e contra a ditadura militar brasileira no começo de outubro de 1968.

As quatro primeiras aulas do curso “Blood is money” foram planejadas com a intenção de se debater o simbolismo das relações de poder ligadas à realeza. Nessas aulas, foram levantadas todas as metáforas constantes na peça *Ricardo II* que demandassem a relação com o poder político. O interessante aqui é pontuar o quanto a metáfora – e outras figuras de linguagem operadas por similitudes – pode ser utilizada na linguagem humana com a finalidade de negação da realidade imediata ou de criar uma realidade paralela na qual a relação com a realidade imediata pode ser operada a partir das analogias. Isso se constata no plano das primeiras aulas, datado de 18 e 25 de setembro e 2 e 9 de outubro de 1968:

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

A modalidade usada da interpretação: analisar a correspondência entre temas políticos da peça e sua expressão metafórica e simbólica. O literário como fusão de um desejo de representação da realidade e a necessidade de criação de um plano irreal. Um depende do outro. A proporção varia ao longo de uma gama extensa; máximo de realidade mínimo de irrealidade do outro. Mas um dos traços que constitui a expressão literária é a correlação íntima entre ambos: o real ganha sentido porque é traduzido em modos de irrealidade; os modos de irrealidade têm razão de ser porque exigem um certo tipo de visão do real.

A linguagem figurada é um modo irreal de dar realidade ao real. Seja por obra da analogia, seja por obra da ordem dos termos, seja por obra do conflito entre os termos. (metáfora, metonímia, figuras de contradição = ironia, paradoxo, oxímoro)

Aqui, se mostra como uma série tão ligada à própria representação concreta do real, como a política, ganha significado na medida em que é traduzida pelo recurso da linguagem figurada. Vamos proceder a uma tentativa de analisar certos modos de correlação entre representação concreta e linguagem figurada, com referência aos fatos políticos através da peça de Shakespeare, Ricardo II. Isto poderia ser feito em relação a outras obras, é claro. Em Shakespeare, nos dramas históricos e certas tragédias, é um dos modos fundamentais de compreensão. (CANDIDO, AC, USP, 074)

Mediante esse princípio teórico, o professor Candido cria os parâmetros que orientarão as atividades didáticas de leitura e análise da peça de Shakespeare. Esses parâmetros teóricos estão fundamentados na concepção de tradução do literário como problema político. Entre esses parâmetros está a prática da tradução para língua materna de obras estrangeiras como parte do problema político. Ler literatura é ler o político, ler uma tradução em língua materna é outro problema político que envolve a formação do professor de literatura e são atividades envolvidas no debate ético. Ler Shakespeare em português implica igualmente pensar o papel político da cultura inglesa na cultura portuguesa. A rainha Filipa de Lencastre é figurada na peça de Shakespeare e tomada na leitura de Candido como testemunho da presença da relação entre Inglaterra e Portugal.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

O professor Candido prepara, a partir desse fundamento inicial, a leitura propriamente dita da obra. Divide-a em tópicos. O primeiro a ser estudado é o fundamento histórico da peça Ricardo II. O segundo é a caracterização do personagem título, tanto em seu aspecto histórico, quanto em sua psicologia na comparação com outros personagens de outras peças de Shakespeare. São comparados o personagem principal da peça, Eduardo III, que foi o antecessor de Ricardo II, sendo seu avô, e Filipa Lencastre, a rainha inglesa de Portugal, que era irmã de Henrique IV. Constrói-se, assim, um tipo de elo entre as duas culturas. Henrique IV irá depor Ricardo II em uma disputa pelo poder entre os membros da mesma família, ou seja, todos no âmbito dos herdeiros de Eduardo III. Apresentadas são nessa aula as relações com a estrutura das monarquias, seus elementos que garantiriam e legitimariam o poder e sua transmissibilidade, relacionando-os com os termos linguísticos utilizados nas obras de Shakespeare como metáforas para esse tipo de relações.

Na aula que se seguiu, a posição política dos adversários foi debatida, tendo como eixo a relação entre terra, sangue e poder. Sendo o problema principal a posição política dos adversários do rei, são analisadas as cenas que tratam da queda de Ricardo II na peça e sua consequente abdicção do trono em favor de seu maior adversário, seu primo, o duque de York, irmão da rainha Filipa de Portugal.

Em todas as fichas de preparação das aulas, houve uma tentativa de relacionar as personagens da realeza compostas por Shakespeare em suas peças, especialmente os monarcas, às pessoas da realidade histórica, destacando-se a sua relevância para o tempo em que são lidas. Observa-se nesse planejamento das aulas, no ano de 1968, uma certa obsessão em evidenciar, mediante o procedimento da analogia, a ligação entre as figuras históricas e as personagens literárias ficcionais. O debate sobre a legitimidade do exercício do poder é o foco de todas as análises propostas em cada tópico de leitura da peça. Não há propriamente nas análises propostas pelo professor Candido um julgamento das ações dos personagens na peça, na qual a relação entre o rei e a nobreza com a qual ele convive é tratada como luta pela própria sobrevivência em meio às disputas legítimas e ilegítimas pelo poder absoluto. Tudo é pensado dentro de certa lógica do movimento cambiante das disputas pelo poder absoluto.

O reaproveitamento que o professor Antonio Candido faz em 1991 dessa sua pesquisa/curso/aulas de 1968 sobre a relação entre política e literatura na

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

peça *Ricardo II* de Shakespeare aparece agora nas fichas de preparação da palestra com a nítida intenção de organizar a leitura a partir de uma interpretação que até então não se observou da obra de Shakespeare. A obra passa a ter um tema de análise e não mais tópicos a partir dos quais montar e organizar a leitura. A obra será lida a partir de temas divididos especialmente entre dois polos: “mandar, obedecer e servir”, sendo um desses polos de interpretação, e “a culpa e o castigo”, situando-se no outro polo. Disso, Antonio Candido depreende uma estrutura de mando identificada a partir do desenho do círculo simbólico da realeza, cujo esboço foi construído na preparação do curso de 1968 durante a ocupação e o cerco ao prédio da rua Maria Antonia. Importante destacar que, nas anotações sobre a estrutura de mando feitas por Candido na escrita da palestra, a transgressão é apresentada como o fator que afeta negativamente o poder de mando. Com a transgressão, a legitimidade do poder perderia sua força coercitiva. A Teoria Literária está nesse caso sendo pensada a partir de uma reflexão político-filosófica que interpreta a perda do lugar do poder como resultado de comportamento transgressivo de quem ocupa esse lugar. O pensamento teórico de Candido se coloca à serviço da argumentação contrária a um conceito – o de transgressão – amplamente debatido na teoria da segunda metade do século XX, desde Georges Bataille e os surrealistas até Michel Foucault.

Antonio Candido se esquivava de discutir esse conceito com os alunos do curso de 1968, ele se justifica argumentando que seu interesse é o de evidenciar a tradução que o literário faz do conceito ético-filosófico da transgressão. Em uma anotação feita por Candido em folha manuscrita de preparação de aula lemos:

criação e crítica

40

O senso de legitimidade gera o orgulho, a confiança e o tom soberano, grandiloquente de RII

A sucessão dos sistemas metafóricos que se articulam:
- sangue (há poder sobre a) → terra → gera vegetação (que prospera ou perece) → animada pelo ar

RICARDO II

Não estou interessado em debater teoricamente o problema do mando e da transgressão. Mas em mostra como eles se manifestam concretamente num texto literário, e como a organização específica deste texto o esclarece de certo modo

Palavras:

S. Paulo - 8 de maio

Curitiba - 15 de maio

A transgressão pode nascer da recusa em obedecer ao mando.

O problema é a dissociação ou a interpretação das componentes. Ricardo tem I, tem II, mas não tem III. Bolingbroke tem III, mas não tem II e apenas em princípio I. Mas ele aglutina II e III dentro do seu olho, enquanto Ricardo se dissocia de I e II devido à sua inaptidão.

Figura 6: Anotações sobre o mando e a transgressão curso Literatura e Política

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Ele diz textualmente que não está “interessado em debater teoricamente os problemas do mando e da transgressão. Mas em mostrar como eles se manifestam concretamente num texto literário, e como a organização específica deste texto os esclarece de certo modo”, conforme a Figura 6.

Em 2014, Antonio Candido é entrevistado por Pedro Bolle em sua pesquisa sobre a Faculdade de Letras, quando ela se situava no prédio da rua Maria Antonia, o que resultou em um vídeo³ publicado no YouTube sob responsabilidade do IEB/USP. Um dos assuntos tratados na entrevista foi a ocupação pelos alunos das instalações da faculdade em 1968. Ali, Candido interpreta e julga ao afirmar que os alunos que mais criticam a estrutura da cátedra, aqueles que reivindicavam as reformas, eram os que menos se interessavam em efetivamente alterá-la, pois a alteração na estrutura de mando não era tomada por eles como parte de suas responsabilidades.

Pressuponho que o ponto realmente importante nesse evento/curso/aulas teria sido justamente o de debater de modo ético-político-literário o que leva a manutenção da estrutura de mando ou a sua extinção. De toda maneira, sem querer adivinhar e, com isso, julgar aquilo que os jovens de 1968 queriam a partir de suas reivindicações para a realização da reforma no sistema universitário, gostaria de considerar sobre as consequências do ato de transgredir a norma nas estruturas de poder e de mando. Elas enfraquecem de fato o poder legitimamente instituído e transformam o sistema vital? Na peça de Shakespeare, a seiva como metáfora do sangue, da vida natural e seus processos de transmissibilidade e como garantidora do poder legítimo perdem realmente a força com a transgressão? O fato é que Candido lança mão da interpretação na escrita da palestra em 1991. O rei Ricardo II é apresentado como fraco, porque sequestra a herança de seu primo, o duque de York, transgredindo a sequência da passagem do poder – do dinheiro – em nome de uma necessidade maior do reino em combater uma rebelião – uma guerra de independência – no norte da ilha – a Irlanda. Não teve força/poder à altura do cargo para o confisco dos bens do primo. Sendo assim, é levado a fazer uma manobra, infringindo a ética para justificar o sequestro de seus bens. A razão para o sequestro, a que o rei admite publicamente, foi fundamentada no fato de que o primo teria provocado uma querela com outro nobre e, para que ambos

³ Consultado em 27 de setembro de 2024 e em disponível em <https://youtu.be/vLudwHOEeD0?si=nrMw2KwYOeDvjdyK>

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

não se matassem mutuamente no duelo proposto pelo próprio rei, ele os mandaria para o exílio, sendo tal condenação permanente, no caso do Duque de York. Para o Candido de 1991, Ricardo II revela-se um homem fraco diante do exercício do poder, porque transgrediria as leis da hereditariedade com manobras antiéticas. Ele agiu com ira e não com ferocidade. Interpreto que Candido em 2014 está, como processo de revisão do passado, a cobrar de seus alunos de 1968 a ferocidade requerida nas ações reivindicativas.

A questão permanece contemporânea e é passível de ser novamente enunciada. Nas situações de leitura em sala de aula, agimos com ira ou ferocidade? As consequências do debate ainda motivam o presente.

Referências

CANDIDO, Antonio. Pastas da docência e de Palestras. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros, USP – São Paulo.

CANDIDO, Antonio. Entrevista a Pedro Bolle, 2014. Consultado em 27 de setembro de 2024 e em disponível em <https://youtu.be/vLudwHOEeD0?si=nrMw2KwYOeDvjdyK>

CANDIDO, Antonio. O Homem dos Avelhos. In: *Tese e antítese*. 2 ed. São Paulo: T. A. Queirós Editor, 2002. (Publicado originalmente como O sertão e o mundo. *Revista Diálogo*, n. 8, 1957.)

RIBEIRO, Darcy, Uirá vai ao encontro de Maíra: Experiência de um índio que saiu à procura de Deus, em *Uirá sai à procura de Deus. Ensaios de etnologia e indigenismo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. (Esse ensaio foi originalmente publicado em Anhembi, vol. 26, n. 76, São Paulo, março de 1957).

SANTIAGO, Silviano. *Genealogia da ferocidade. Ensaio sobre o Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa*. CEPE Editora: Recife, 2017.

Submetido em: 29/09/2024

Aceito em: 02/12/2024